

A DIFERENÇA QUE FAZ UM CANDANGO

» FELIPE MORAES
» RICARDO DAEHN
» TIAGO FARIA
» YALE GONTIJO

Mesmo que não tenha sido premeditado, o júri oficial tomou uma posição ao premiar o longa *Hoje*, de Tata Amaral, com o Candango de melhor filme. Em vez de consagrar um título que já tem distribuição garantida no circuito comercial (caso de *Meu país* e *Trabalhar cansa*), apostou numa produção que ainda depende da visibilidade garantida pelo evento (e da premiação em dinheiro, no valor de R\$ 250 mil) para se integrar ao mercado. Ao eleger um dos concorrentes inéditos na disputa, os jurados prepararam um desfecho tradicional, “à moda antiga”, para uma edição de novidades — que, entre outras mudanças estruturais, flexibilizou a exigência de ineditismo na seleção dos longas.

Com a participação dos cineastas Vladimir Carvalho, Toni Venturi e Ana Luiza Azevedo, o grupo que avaliou os integrantes da competição principal concentrou prêmios de longa-metragem em dois filmes: *Hoje*, que acumulou cinco troféus oficiais (e o prêmio da crítica), e *Meu país*, com quatro Candangos (além da preferência popular). *Trabalhar cansa*, *As hiper mulheres* e *O homem que não dormia* saíram com uma menção cada — enquanto o documentário *Vou rifar meu coração* não foi lembrado na noite de premiação. “Agora, com certeza, vamos lançar o filme no primeiro semestre do ano que vem. Graças ao prêmio”, comentou Tata Amaral, que venceu o Candango de direção em 1996 por *Um céu de estrelas*.

Numa cerimônia mais enxuta que o habitual, e sem o tumulto ou as gafes de 2010 (quando a lista dos vencedores vazou em sites de notícia antes da divulgação oficial, provocando revolta nos convidados), o Festival de Brasília organizou um encerramento com um quinhão generoso de celebridades (Rodrigo Santoro e Denise Fraga saíram vitoriosos), e escolhas que, em grande parte, não bateram de frente com o gosto da maioria dos espectadores. O paulistano *Meu país*, que estreia sexta-feira no circuito, com 60 cópias, se tornou o ponto principal

» Do cinema para a tevê

Os filmes vencedores dos Candangos de melhor longa, curta-metragem e animação segundo o júri popular serão exibidos na TV Brasil e receberão prêmios nos valores de R\$ 50 mil (*Meu país*), R\$ 10 mil (o curta *A fábrica*) e R\$ 10 mil (*Rái sossáith*). O canal transmitiu a cerimônia de encerramento ao vivo.

de convergência entre jurados e plateia. “Se a gente quer sobreviver, precisa do público. Estar aqui recebendo esse prêmio do júri popular é uma saudação que não tem preço”, comentou o diretor do filme, André Ristum, após a premiação.

Estreante em longas de ficção, o cineasta surpreendeu ao superar autores mais conhecidos (como Edgard Navarro e a própria Tata Amaral) na briga pelo Candango de direção. Há seis anos, Ristum exibiu na cidade o curta *De Glauber para Jirges*. “É a coisa mais incrível que poderia ter acontecido comigo aqui, ser laureado como o melhor no festival mais importante do Brasil. Agora, estou num time espetacular, que só tem craque. A minha raiz está fincada aqui”, comemorou o realizador, que voltou ao país há 15 anos, depois de um longo período morando na Europa. No drama que dirige, o personagem principal é um executivo brasileiro que, bem-sucedido na Itália, se vê obrigado a viajar ao Brasil para resolver uma questão de família.

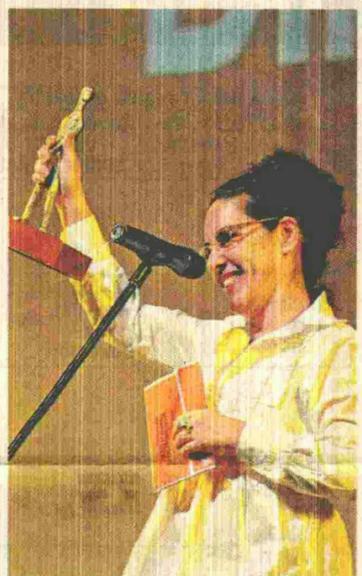
Um dos atrativos do melodrama é o elenco, formado por famosos com passagem pela tevê. Cauã Reymond e Débora Falabella foram ignorados pelo júri, mas Rodrigo Santoro — que estava em Brasília desde sábado, quando o longa foi exibido — representou a equipe, reprisando o prêmio que ganhou em 2000 por *Bicho de sete cabeças*. Depois de beijar o Candango, ele dedicou o prêmio ao pai e comentou que estava tão emocionado quanto no dia da projeção. “Receber esse prêmio foi uma espécie de volta às origens, de reconhecimento de um trabalho que fiz há 11 anos (*Bicho*). Quando subi ao palco, eu estava realmente emocionado. Não estava representando. É uma emoção muito sincera, particular e simbólica”, comentou ao *Correio*.



O diretor André Ristum com os quatro Candangos recebidos pelo longa *Meu país*, incluindo o de melhor ator para Rodrigo Santoro



Vladimir Carvalho recebeu o Prêmio Saruê no início da cerimônia de premiação, que teve Tata Amaral como a grande vencedora



Tensão

Ao receber o Candango de melhor atriz, Denise Fraga demonstrou ainda mais nervosismo que Santoro, e alongou o discurso para comentar o processo de criação de *Hoje*, drama que revira lembranças da ditadura militar. “É claro que existe um certo preconceito com atores de comédia. É possível que não tivessem me premiado em um papel cômico. Tento sempre der-

rubar essas barreiras entre o cômico e o dramático. O humor pode ser transgressor. O (diretor) Antunes Filho sempre diz que o ator de comédia é melhor que o dramático porque tem timing”, afirmou, depois da festa.

Converter Candangos em boa publicidade é, a partir de agora, o desafio dos filmes vencedores. No caso de *Hoje*, o dinheiro será investido para levar o longa às telas. Mas o valor simbólico da premiação não é desprezado por

cineastas como Vladimir Carvalho, que venceu o Saruê (entregue pela equipe de Cultura do *Correio*) pelas cenas de arquivo de *Rock Brasília — Era de ouro*, que estreia em 21 de outubro. “Ganhar o prêmio foi surpreendente, e ele chegou na hora certa. Ele vai ajudar na campanha de divulgação. Vamos juntar com as informações sobre o prêmio de Paulínia (onde venceu o troféu de melhor documentário) para valorizar o lançamento”, afirmou.



O grande encontro

» Vencedor do único prêmio do longa *O homem que não dormia*, de Edgard Navarro, Ramon Vane (foto) subiu ao palco sapateando e fez um discurso longo e icônico ao receber o Candango de melhor ator coadjuvante. “Acredito que o ser humano é um pouco de bondade. É um encontro entre o espermatozoide e o óvulo que faz tudo acontecer”, discursou. “Quero dedicar esse prêmio ao Edgard”, completou.



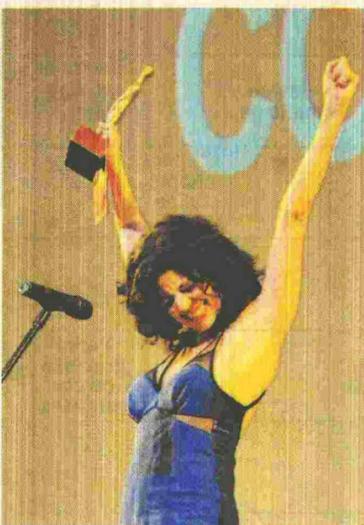
A carta da atriz

» A atriz Denise Fraga (foto) preparou uma carta para ser lida no palco caso ganhasse o prêmio de melhor atriz. Quando tirou as duas páginas do bolso, foi logo avisando à plateia, cansada de ouvir discursos longos no festival: “Calma, gente. A carta tem duas páginas porque a letra é grande. Eu já tenho mais de 40 anos”, brincou. Ela agradeceu nominalmente a quase todos os membros da equipe, com atenção especial ao convite da diretora Tata Amaral para atuar num papel dramático.



A festa da tribo

» A equipe do longa *As hiper mulheres* (foto) celebrou com entusiasmo a conquista do prêmio técnico de som — justamente o quesito mais temido, já que o longa é balizado pelo registro musical de um ritual no Alto Xingu. No Cine Brasília, depois de marcante momento de dança no palco e de discursos com menções às famílias, Takumã Kuikuro, um dos diretores da fita, emendou: “Foi muito importante ganhar esse prêmio. A gente vai poder mostrar o trabalho que tem feito com o projeto Vídeo nas Aldeias. Vamos ter mais pessoas conhecendo o filme”.



“Desconhecida” aos 40

» A melhor atriz coadjuvante da edição, Gilda Nomacce (foto), dona do troféu solitário de *Trabalhar cansa*, lembrou um pouco a sua trajetória. “Sou atriz desde os 12 anos e queria dedicar esse prêmio à equipe. Comecei a fazer cinema com essas pessoas. Não é fácil chegar aqui sendo uma atriz desconhecida, mesmo tendo 40 anos e 28 de carreira”, observou.



Palco brasiliense

» O diretor André Miranda (foto) saiu duplamente premiado do Cine Brasília. O curta-metragem dirigido por ele, *Deus*, exibido na Mostra Brasília, levou o Troféu Câmara Legislativa. Depois, Miranda subiu ao palco para receber o Candango de melhor fotografia pelo curta *Imperfeito*, de Gui Campos. Ao agradecer o troféu, ele voltou a pedir atenção para a Mostra Brasília. “Meu filme foi visto por pouquíssimas pessoas porque passou num lugar isolado (o Museu Nacional). Hoje, quando a minha equipe sobe ao palco do Cine Brasília, estamos de volta ao nosso palco”, ressaltou.

26.100 Público da 44ª edição do festival / 1.500 Média de pessoas por dia no Cine Brasília / 1.000 Espectadores do filme *Rock Brasília*, na tarde de domingo / 800 Espectadores do longa *Cru*, na mostra Primeiros Filmes / 2.100 Total do público da Mostra Brasília, de terça a domingo, no Museu Nacional / 300 Média de pessoas por sessão da mostra Panorama Brasil, no Cine Brasília / Público pagante do festival nas cidades do DF: 368 em Taguatinga / 640 em Ceilândia / 744 em Sobradinho